



ASSEMBLEIA CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL

Roma, de 14 a 25 de Setembro de 2005

AS LINHAS PROGRAMÁTICAS DO FUNDADOR Roma 19 de Setembro de 2005

Antes de entrar no nosso argumento – linhas pedagógicas de mons. Luís Novarese, nosso Pai e Fundador – quero lembrar o conceito e o significado de *pedagogia*. É um termo de origem grega que deriva da palavra *paidagogòs* que significa a arte de ensinar, de educar uma criança. A pedagogia é, pois, a ciência que estuda os processos educativos do ponto de vista da educação. Refere-se não só à teoria mas também às pessoas e à sua acção. Ocupa-se das finalidades pelas quais vale a pena educar, dos fins, valores e objectivos que se pretendem alcançar. Fundamenta-se sobre o conceito de que o *homem é educável*. Educar no sentido de promover o outro, promover a autonomia e a auto-educação, porque a educação pedagógica coloca no centro da sua análise a pessoa na sua totalidade e globalidade.

Todos estes conceitos são evidentes na obra de mons. Novarese e voltaremos a eles. Mons. Novarese não redigiu um tratado de pedagogia para o seu apostolado, mas nem por isso deixou de ser um verdadeiro *pedagogo*, um educador credenciado para as pessoas que vivem o tempo do sofrimento e experimentam a fragilidade de existência humana.

O papel de Fundador numa realidade é empenhativo. Não se trata apenas de ter uma ideia, uma intuição, mas de realizá-la, fazendo de modo que a intuição se torne visível e partilhada.

Na história da Igreja não têm conto os fundadores e fundadoras, verdadeiros homens e mulheres do Espírito, que deram início a caminhos espirituais e sociais muito importantes. Todos nós conhecemos alguns deles e o seu percurso pessoal e fundacional. Os verdadeiros fundadores são aqueles que viveram na primeira pessoa a intuição que tinham recebido do Espírito, assimilaram-na, traçaram-lhe uma via pedagógica, para os outros e a favor dos outros. Pensemos em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que falou não apenas dos valores cristãos, mas viveu-os com autenticidade, indicando aos seus discípulos, àqueles que viveram no mesmo período histórico que Ele, mas também a todos aqueles que em todos os tempos se fazem seus discípulos, os caminhos a percorrer para atingir a meta que é a vida definitiva com Deus.

Desta forma consideramos mons. Novarese: verdadeiro fundador e educador porque aquilo que nos propôs é fruto da sua experiência de vida conjugada com a experiência de Deus e a essa sujeitada. Os valores por ele propostos foram concretamente os seus valores e, a quem o seguia, indicou as suas próprias metas, mas também as vias para as atingir.

Entremos pois na reflexão que se refere à pedagogia e os valores pedagógicos ensinados por mons. Novarese.

Apenas por conveniência de reflexão vamos dividir os valores pedagógicos em:

valores espirituais
valores humanos
valores apostólicos
valores eclesiais.

De facto, esta divisão pode tornar mais clara a reflexão, mas por si mesma é difícil traçar limites entre os valores: na experiência eles continuamente se entrecruzam e integram.

Gostava de iniciar pelos valores espirituais, mas escolhi começar pelos valores humanos porque muito frequentemente é a nossa experiência que dá início a um percurso reflexivo. E assim foi também com mons. Novarese.

Valores humanos

Desejava indicar entre os valores humanos toda a realidade experiencial que se encerra em palavras como sofrimento, doença, dor, limite, morte... para usar apenas um termo a tudo isto chamaremos *sofrimento*.

Mas são também valores pedagógicos humanos prezados por mons. Novarese aquilo que chamamos *liberdade, responsabilidade e criatividade*.

O valor pedagógico do sofrimento

Não há página escrita por mons. Novarese, não há discurso, homilia ou outra coisa qualquer que não fale do sofrimento e do valor humano e espiritual que pode assumir quando a pessoa a integra na sua vida e daí tira algo de positivo.

Na sua experiência de doente, vimo-lo jovem e sozinho, inicialmente disperso numa experiência maior que ele. Pouco-a-pouco, porém, encontramos-lo próximo dos homens internados nos mesmos hospitais que ele, para assim lhes levar vizinhança humana de qualidade, conforto espiritual, ânimo alegre de vida. Mesmo sendo jovem, pouco mais que adolescente, vimo-lo a percorrer rapidamente a *via das interrogações* (porquê precisamente a mim? Porquê o sofrimento?...) que inevitavelmente todo o homem, na mesma situação, se coloca, para passar à procura da *via da resposta*. Ao *porquê?*, rapidamente dá lugar o *como?* Trata-se de uma passagem pedagógica fundamental porque liberta a pessoa do sentido da frustração, de inutilidade, do desespero e coloca-a na condição de liberdade e de criatividade que dá valor e significado à experiência. Podemos intuir nele a procura de uma via onde parecia impossível encontrá-la. Mais tarde, falando da sua vocação sacerdotal, dizia-nos que nos hospitais sempre tinha encontrado alguém que se ocupasse da sua saúde, com maior ou menor competência, respeito e atenção, mas que nunca tinha encontrado ninguém que o ajudasse a encontrar um significado naquilo que lhe acontecia. Compreendemos por isso que o seu percurso foi particular e solitário, provavelmente amadurecido na solidão e na oração.

Tiramos daqui uma consideração importante: que a passagem do irresolúvel para a procura de soluções é pessoal mesmo sendo inserida no percurso humano comum. É sempre o homem que encontra a resposta às suas situações difíceis e vontade para a querer realizar. Os outros podem ser pedagogos. Na experiência de mons. Novarese consideramos que, com o auxílio do Espírito, ele foi, se assim se pode dizer, o pedagogo de si próprio e que no seu caso, o sofrimento foi o seu educador. Desta forma, aquilo que parecia negativo, e continuaria a sê-lo sem uma intuição ulterior, transformou-se naquilo que ele depois chamou *fonte positiva de bem*. Se todos os seus escritos e discursos estão impregnados de reflexões sobre o sofrimento, do mesmo modo estão impregnados de propostas e modalidades, motivações e caminhos para o integrar na própria vida, superando o sentimento de frustração e de inutilidade.

O valor pedagógico da liberdade

Quando se assume uma visão concreta da realidade e das possibilidades contidas nessa, colocamo-nos na vida não mais como vítimas ou indivíduos passivos que esperam dos outros a satisfação das próprias exigências ou a resolução dos seus problemas. Pelo contrário, colocamo-nos como interlocutores da vida, sujeitos activos, livres para escolher e decidir os significados que se querem dar à existência.

A liberdade não é um sonho, um mito, uma ilusão mas uma meta concreta a ser conquistada, para si e para os outros, utilizando a vida quotidiana como escola. Se alguma vez na sua vida, mons. Novarese assumiu uma atitude de rebeldia, foi contra a passividade e o determinismo, acreditando profundamente na capacidade criativa da pessoa. A sua proposta pedagógica em

relação à liberdade foi a de poder escolher, não tanto a modalidade da existência (a maior parte das coisas não estão sob o nosso controlo e não somos nós que decidimos se nascer saudáveis ou doentes, os acontecimentos desagradáveis aparecem sem pedir autorização...) quanto a posição existencial: ninguém me pode tirar a liberdade de decidir *como* quero viver a vida, com que valores, com que intensidade. Trata-se dum liberdade interior mais do que exterior que diz respeito ao pensar, ao sentir e ao querer mais do que ao agir de facto. A pessoa cada momento pode decidir por si mesmo, recusando toda a contrição, mesmo quando as situações são trágicas e os obstáculos parecem intransponíveis porque, como afirmava, os obstáculos existem para serem abatidos e não para nos abater.

O valor pedagógico da responsabilidade

Mas, o homem é livre para ser responsável e é responsável precisamente pelo sentido da sua existência. A vida é um compromisso de continua maturação. Se se tem um compromisso, um papel, tudo é encaminhado no sentido do processo de crescimento da pessoa. Cada um é, portanto, convidado não somente a colocar questões à vida, mas também a responder à vida e às suas provocações, às feridas que nos laceram e podem abrir em nós espaços mais amplos. Respostas que não são feitas apenas de palavras, mas também de acções concretas. Cada pessoa pode criar a sua própria vida activamente porque é *responsável*, isto é, *habilitada* para fornecer respostas adequadas. Responsabilidade significa capacidade de responder, de ser vivos. Muito frequentemente a palavra é conotada de sentido de contrição e retira-se apenas uma ideia de dever. E no entanto ela é um valor que nos ajuda a ajustar as contas com realidade, especialmente quando não nos agrada, porque quando a realidade não pode ser mudada, muito pode ser feito para mudar de atitude nos confrontos com quanto acontece. Trata-se de colaborar de forma responsável com o inevitável. De facto, a liberdade do ser humano é ilimitada precisamente pela sua capacidade de afrontar os acontecimentos de modo activo e não apenas passivo.

Mons. Novarese propôs o valor da responsabilidade a todos os membros do CVS, naquela ideia muito bonita de reciprocidade de responsabilidade que cabia quer aos *sãos* quer aos *doentes*.

O valor pedagógico da criatividade

“Nada pode acontecer enquanto não for sonhado”. Um provérbio antigo ajuda-nos a compreender que para realizar o significado da vida temos necessidade de ter um ideal forte e muita vontade para o realizar.

Na mensagem da criatividade encontramos a capacidade de abrir novas soluções para além das já conhecidas, continuamente reorganizando a própria vida precisamente enquanto ela é obstaculada. Parece-me que na experiência e na proposta espiritual e apostólica de mons. Novarese, esta perspectiva foi muito importante para fazer nascer na Igreja um caminho inédito, como a estrada nova do deserto de que falam as profecias bíblicas. Um caminho ainda não percorrido no qual a pessoa com deficiência ou sofredora, encontra o seu espaço, o seu lugar, a sua missão, assumindo aí em pleno a responsabilidade e a beleza.

OS VALORES ESPIRITUAIS

Entre os valores espirituais que me parece poder individuar na proposta pedagógica de mons. Novarese, gostava de indicar alguns:

o silêncio
a oração
a penitência
a entrega a Maria.

Estes parecem ser aqueles que ele considerou mais essenciais para conduzir as pessoas a viver verdadeiramente a vida de Deus.

O valor pedagógico do silêncio

Sem dúvida nenhuma este valor foi muito apreciado por mons. Novarese. Fala muito dele. Mas, mais do que reflectir e meditar sobre ele, fez uma verdadeira e precisa proposta pedagógica estruturada naquilo que ele próprio chamou: o caminho do Silêncio Interior com os seus 7 graus. Apresento-os:

Itinerário dos sete graus do Silêncio Interior ditado pelo Servo de Deus, mons. Luís Novarese, nosso fundador

- 1. assegurar a presença de Deus em nós combatendo o pecado mortal**
- 2. combater os pecados veniais**
- 3. dar estabilidade à presença de Deus em nós contrastando as inclinações pessoais**
- 4. agir em Maria santíssima como o Verbo eterno**
- 5. agir docilmente à acção do Espírito Santo**
- 6. seguir nosso Senhor Jesus Cristo crucificado**
- 7. seguir Jesus até ao isolamento total e ao abandono pelas criaturas, adorando a vontade do Pai**

Como podemos ver trata-se de um verdadeiro e preciso itinerário interior que inicia com um notável distanciamento do pecado em todas as suas formas, propõe um apoio seguro na imitação da fé de Maria e chega a uma meta que descreve a entrega de Cristo a Deus no momento dramático da morte na cruz; entrega que se torna paradigma para a nossa confiança em Deus precisamente nos momentos mais trágicos da nossa vida.

Silêncio e caminho interior. Estas palavras no entanto, não nos devem conduzir a engano, pensando que se trata de uma realidade não manifestável externamente. De facto, seria um caminho vazio se a interioridade não se traduzisse em visibilidade: toda a pessoa que adere ao caminho do Silêncio Interior, lentamente se transforma em alguém que aponta para o essencial da vida, entregando a própria existência a Deus que conduz o seu desenvolvimento e indica as metas, e aos irmãos dando-se a si mesmo através do apostolado da valorização da dor.

Perguntamo-nos: porquê exactamente o silêncio? Este não se improvisa, não é ocupação de um momento, é preciso querê-lo fortemente. Para que exista silêncio não é suficiente aquele exterior. O silêncio verdadeiro requer que também os pensamentos, os sentimentos, o coração estejam em paz. O silêncio verdadeiro é ter controlo de si e descer em profundidade dentro de si, naquela que mons. Novarese chamava Tenda Interior: espaço de encontro com Deus, livre de qualquer outro. Se alguém o experimenta toma consciência de quanto é dissipado e de quanto caminho é preciso fazer para o poder saborear. Esse torna-se então cheio e fecundo. É a paz da vida interior, o repouso dos valores mais íntimos. É presença, dedicação, premura, vigilância, superação do ruído, da verbalização, da dissipação. Podemos *recolher-nos*, isto é, criar unidade na multiplicidade dos eventos e das experiências e pode-se viver uma existência cheia de forças, inclinada para a acção, contida para as coisas do mundo, orientados simplesmente para as coisas que contam, em direcção ao interno, ao profundo, ao centro que é Deus, a sua Palavra, a sua Presença, o seu Pão.

Por isso, Maria é o emblema, o modelo a pedagoga por excelência, Ela cuja vida sempre esteve orientada para o reino e as suas exigências, para o cumprimento do projecto de Deus.

O valor pedagógico da oração

Se o silêncio é tão importante, também o é porque ensina a pessoa a *escutar*. Antes de tudo rezar significa isso: escutar. Penso que seja impróprio, ou pelo menos insuficiente, querer ensinar a rezar, ensinando palavras. Fazemos assim, é verdade; também fizeram assim os nossos pais ou aqueles que nos desvendaram a presença e a acção de Deus. No meu parecer pelo contrário, era preciso começar pelo silêncio. Para rezar temos necessidade de fazer paragens de qualidade, de escutar a Palavra de Deus, guardando-a e meditando-a no coração, como Maria, experimentar a colocá-la em prática, a *realizá-la* e só depois responder à Palavra com as palavras. Assim, as orações, aquelas que nós bem conhecemos, são fruto duma relação e não só palavras às vezes vazias, pronunciadas distraidamente. Também temos necessidade de compreender que Deus deseja de nós um espaço vital considerável, e não retalhos de tempo. Ele quer interlocutores não fantoches. Mons. Novarese indicou muitas vezes Maria como aquela que poderia orientar em plenitude os caminhos da oração. Ele via nas suas intervenções em Lourdes e em Fátima, verdadeiras e precisas propostas pedagógicas por parte de Maria para restabelecer o contacto entre Deus e a humanidade através dos pequeninos. De facto, os interlocutores de Maria foram crianças e uma adolescente. Não se deveria fazer uma reflexão sobre a necessidade de nos fazermos pequenos para nos tornarmos dóceis ao projecto de Deus?

O valor pedagógico da penitência

Encontramo-nos perante uma palavra difícil, que assusta muita gente e induz a pensar nela em termos acima de tudo negativos. Mas a palavra penitência tem um outro significado que vem da palavra grega *metanóia*, que significa *mudança de mente*.

Acima de tudo mons. Novarese fazia referência a este significado, propondo-o como caminho seguro para ser verdadeira imagem de Deus. Não por acaso, o caminho do Silêncio Interior conduz a pessoa a renovar continuamente os seus pensamentos, acções, decisões, para que sejam sempre cada vez mais conformes ao projecto de Deus. É por força da atracção e não de contrição que a pessoa caminha aderindo a Deus, ao seu Evangelho e às suas propostas, assumindo também os traços significativos da renúncia. O sentido da renúncia, ou do sacrifício, não acende uma luz negativa, ou pelo menos não deveria, contanto que se trata de qualquer coisa que necessariamente faz parte do significado da escolha: quando se escolhe qualquer coisa, necessariamente e inevitavelmente renuncia-se a outra qualquer. Querer conservar duas coisas opostas e incompatíveis pode ter apenas um resultado temporário que porém lança a pessoa na desagregação interior. Assim a penitência pode ajudar-nos a renunciar a tudo aquilo que nos afasta da estrada da unificação interior, tão estimada por mons. Novarese. Ele definia a vida com Deus na Tenda Interior: *uma coisa só, uma só vontade, uma só acção*.

O valor pedagógico da entrega a Maria

Trata-se dum ponto muito importante que esclarece diversos aspectos.

O primeiro aspecto refere-se à realidade própria da entrega a uma outra pessoa, um valor de alto nível pedagógico. A coisa mais importante que se deve compreender é que, entregar-se significa depositar um pouco de si mesmo, abrir espaços de confrontos. Certamente, não quer dizer abdicar de si mesmo e das próprias responsabilidades, mas amadurecer em relação a perspectivas que não estejam totalmente centradas em si mesmo e nas próprias ideias e juízos. Quer dizer sair de si, descentrar-se, neste caso, deixar que Deus realize a sua obra livremente, sem obstáculos pela parte da pessoa. O verdadeiro problema é compreender a quem nos entregarmos e quem é fiável, digno de receber a nossa pessoa e de lhe facilitar o caminho em direcção a Deus. Sem dúvida nenhuma para mons. Novarese, Maria tem um papel privilegiado neste sentido, no acolhimento em si da humanidade para a conduzir a Deus, um papel que lhe foi confiado directamente pelo Filho Jesus Cristo, no momento crucial da vida: do alto da cruz, as palavras “Eis a tua Mãe, eis o teu filho”, são as palavras com que Deus confia reciprocamente Maria à humanidade e a humanidade a Maria. Maria foi fiel a este compromisso, desenvolvendo-o livremente e de forma transparente. Por isso é fiável.

João Paulo II escreveu que Maria está empenhada em educar-nos e plasmar-nos até que Cristo não esteja plenamente formado em nós. Na linha de Montfort, a “consagração” à Virgem é um “acto sacramental”, um “acto extensivo” das promessas baptismas, um acto de “entrega”, com o qual o baptizado se entrega, se abandona, acolhe nas suas experiências e no seu itinerário teológico e espiritual a Mãe de Deus e a sua múltipla intercessão. A verdadeira espiritualidade Mariana, entendida como acolhimento de Maria qual dom pascal de Cristo, exige do baptizado, homem da Trindade e do Reino, ser permanentemente em tensão para se tornar cada vez mais uma vida em dom: isto é, um caminho de santidade, um itinerário pascal, que o baptizado confia com esperança às mãos da Mãe de Deus, seguro de que Maria obterá do misericordioso Deus trinitário, para si, para a Igreja e para o mundo, muito mais de quanto possa pedir ou imaginar.

OS VALORES APOSTÓLICOS

Depois de ter reflectido sobre os componentes pessoais, alargamos um pouco o raio no sentido daquilo que nos ajuda a caminhar para os outros, em nome da fraternidade e no dever de evangelizar.

Entre os valores pedagógicos que nos colocam sobre a via do apostolado, aqueles que mons. Novarese identificou:

ser sujeitos activos
a ideia do doente por meio do doente
a realidade do Grupo de Vanguarda.

O valor pedagógico de ser sujeito activo

Dizíamos que liberdade, responsabilidade e criatividade são os valores que permitem viver a vida como protagonistas e não como espectadores. A criatividade é a capacidade de fazer uma leitura nova da realidade, ultrapassando os limites dos condicionamentos recebidos, descobrindo novos modos de afrontar velhos problemas, inventando novas formas, renovando rituais, procedimentos, instrumentos de trabalho, estilos de vida. Revela-se, assim, na capacidade de transformar possibilidades em projectos, ideias, aspirações, e sonhos, quando é desenvolvida, torna as pessoas mais satisfeitas, mais seguras de si e, sobretudo, conscientes duma outra qualidade ainda mais preciosa: a liberdade. Quando se sai do estado de passividade rendemo-nos conta de que o fruto da sua elaboração pode tornar-se realidade, que se podem dar respostas novas à vida sem ter de repetir sempre os mesmos esquemas e que nos podemos tornar livres de condicionamentos, pode-se navegar em direcção a metas sempre novas e renováveis.

Estes princípios, certamente não novos, assumiram porém um carácter de novidade na obra apostólica de mons. Novarese, devido aos destinatários a que se dirigia: os doentes. Naquela época e em todas, eles eram considerados, segundo as definições de mons. Novarese, sujeitos passivos, ou talvez objecto de cuidados, no sentido em que recebiam da sociedade e da Igreja cuidados espirituais e humanos. Por sua vez, na óptica de mons. Novarese as coisas eram totalmente inversas: as pessoas doentes deveriam sair desta passividade, às vezes recusada, às vezes aceite, outras vezes procurada, para poder assumir em pleno a responsabilidade pela própria vida, decidindo o próprio caminho humano e espiritual. Tornar-se apóstolos, evangelizadores, missionários é uma obrigação de todos os baptizados e a doença ou a deficiência não pode minimizá-la, evitá-la ou demitir as pessoas. Mesmo porque se uma pessoa não compreende que tem uma missão na vida, a sua própria vida arrisca-se a ficar privada dos significados que a tornam preciosa e digna de ser vivida, em qualquer situação que nos encontremos. É dando que se recebe e se alguém ficar apenas como sujeito recebedor no final perde de vista o sentido da existência.

O valor pedagógico do slogan: o doente por meio do doente

Um passo em frente nesta perspectiva *activa* no que se refere à pessoa doente mons. Novarese realizou-o quando inventou este slogan que ainda hoje dá a característica principal do apostolado da valorização do sofrimento e da pessoa sofredora. O doente por meio do doente foi uma motivação importantíssima para colocar em acção pessoas fortemente condicionadas pela deficiência muito grave, mas outro tanto motivadas pela consciencialização de que a partilha da própria experiência pode ser uma estrada que abre caminhos espirituais e apostólicos numa outra pessoa que vive a doença como encerramento ou perda de significado.

O testemunho da compreensão do valor da vida, o empenho real em ajudar os outros a encontrar o próprio lugar no projecto de Deus e na sociedade, partilhados e vividos com quem parece não poder fazer mais nada que receber auxílios de outros, foi e é ainda um dos aspectos salientes do nosso apostolado, insubstituível e irrenunciável. Assim, no CVS acontece que o doente é o pedagogo de um outro doente, mas também para um são e acontece também o contrário, naquela bonita reciprocidade de missão, pelo que, quem faz uma experiência verdadeira de superação da frustração que deriva de uma deficiência ou dum limite está capacitado para se fazer companheiro de viagem dum outro que esteja à procura desta superação.

O valor pedagógico do Grupo de Vanguarda

Começamos por lançar um olhar sobre a pessoa que se torna activa e depois vai ter com outra pessoa para partilhar e testemunhar a sua experiência, para chegar agora à meta comunitária do Grupo de Vanguarda, o lugar onde ser sujeitos activos e missionários se manifesta na comunidade eclesial. Com a sua localização na paróquia, mesmo se não necessariamente dentro dos muros paroquiais, mas fortemente ligado à vida e à missão paroquial, o GdV é verdadeira *igreja nas casas*, isto é, comunidade que escuta e vive a Palavra de Deus, evangeliza e testemunha os valores cristãos, torna viva e actual a missão da Igreja. É a expressão mais activa do CVS, a alma operante. Não se forma o Grupo porque estar juntos é mais bonito ou se têm mais forças e dinamismo. Também por isso, concerteza, mas o motivo principal que mons. Novarese muito pregava, era o facto do Grupo exprimir em plenitude a eclesialidade a que é chamado o povo de Deus.

Além disso, com a sua capacidade real de instaurar relações autênticas entre os membros, o CVS cresce como uma verdadeira família de Deus.

OS VALORES ECLESIAIS

Chegamos assim ao fim do nosso percurso de reflexão. O último ponto que me parece poder colocar em evidência é o valor eclesial de estar **vivos, activos, presentes e responsáveis na paróquia**, o lugar mais empenhativo para cada cristão.

Existem muitos ministérios na Igreja, dos ordenados aos não ordenados, dos mais antigos àqueles que nasceram depois do Concílio Vaticano II. Interrogamo-nos sobre ministerialidade do CVS e parece-nos poder compreender que a pessoa aderente do CVS, sã ou doente, na paróquia tem o dever de exercitar o *ministério da esperança*.

Na Bíblia, a promessa divina não nos pede que nos sentemos, aguardando passivamente que se realize, como por magia. Antes de falar a Abraão de uma vida em plenitude que lhe é oferecida, Deus disse-lhe: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar” (Gn 12,1). Para entrar na promessa de Deus, Abraão é chamado a fazer da sua vida uma peregrinação, a viver um novo início. A experiência bíblica e cristã não significa uma vida nas nuvens, o sonho dum mundo melhor. Não é uma simples projecção daquilo que desejávamos ser ou fazer. Ela leva-nos a ver as sementes deste mundo novo, presente já hoje, graças à identidade do nosso Deus que se manifesta na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esta

esperança, é, além disso, uma nascente de força para viver de uma outra forma, para não seguir os valores duma sociedade fundada no desejo de possuir e da competição.

Mesmo assim, a Boa Nova da ressurreição não é uma forma de nos afastar das obrigações da vida terrena, mas um chamamento a que nos coloquemos a caminho: “Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o céu? ... Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura... sereis minhas testemunhas... até aos confins do mundo” (Act 1,11; Mc 16,15; Act 1,8).

Sob o impulso do Espírito de Cristo, os crentes vivem uma solidariedade profunda com a humanidade privada das suas raízes em Deus. A nossa fé não nos torna privilegiados que vivem fora do mundo, nós “gememos” com o mundo, partilhamos as suas dores, mas vivemos esta situação na esperança, sabendo que, em Cristo “as trevas passaram e a luz verdadeira já brilha” (1Jo 2,8).

Esperar, é pois, descobrir primeiramente nas profundezas do nosso hoje, uma vida que vai para além, que nada a pode parar. Ainda, é acolher esta vida com um sim dado com todo o nosso ser. Lançando-nos nesta vida, somos levados a colocar, aqui e agora, no meio dos riscos do nosso viver em sociedade, sinais de uma vida que há-de vir, sementes de um mundo renovado que, no momento oportuno, hão-de dar o seu fruto.

Para os primeiros cristãos, o sinal mais claro deste mundo renovado era a existência de comunidades compostas por pessoas de proveniências e línguas diferentes. Graças a Cristo, aquelas pequenas comunidades surgiam por todo o lado do mediterrâneo. Superando divisões de toda a espécie, aqueles homens e aquelas mulheres viviam como irmãos, como família de Deus, rezando juntos e partilhando os seus bens segundo a necessidade de cada um (cfr. Act 2,42-47). Esforçavam-se por “ter os mesmos sentimentos, assumindo o mesmo amor, unidos numa só alma” (Fil 2,2). Assim brilham no mundo como focos de luz (cfr. Fil 2,15). Desde os primeiros tempos, a esperança cristã acendeu um fogo na terra.

Que hoje este fogo se possa acender no nosso coração, na nossa experiência, na nossa missão de Centro Voluntários do Sofrimento Internacional, e que esta missão possa ser anunciada, vivida e partilhada com todas as pessoas do mundo e da história que faz experiência de sofrimento.